

DOS LEITORES: O BRASIL QUE SE (DES)COBRE

Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)
lymt@terra.com.br

Cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando. (BAZERMAN, 2005)

1. Apresentação

Este trabalho é parte de uma pesquisa que desenvolvo no GLC da UFF sobre “Carta de Leitores” (já em fase final) e tem como objetivo analisar, sob o ponto de vista da encenação discursiva no gênero “carta de leitor”, os procedimentos linguístico-discursivos da construção enunciativa (CHARAUDEAU, 2009), bem como algumas marcas linguísticas da argumentação (comunicar não é somente “fazer saber” mas também “fazer crer”, convencer). A análise leva em consideração, ainda, os princípios da linguística da enunciação (KOCH, 2003) na produção de sentido do texto. Com base na concepção de que todo discurso é marcado por uma interatividade constitutiva, verificaremos no texto as marcas da presença do locutor e suas estratégias para seduzir/convencer o leitor. Ainda enfatizamos a importância do estudo do gênero textual/discursivo, como fenômeno histórico vinculado à vida social e cultural e, portanto, importante instrumento didático para o ensino/aprendizagem de línguas.

Para observações sobre a produção de sentido na “carta de leitor”, observaremos também questões de pressuposição, de modalidades (deônticas, julgamento de valor, vontade) e de ironia, exemplificadas em textos de cartas de leitores publicadas no jornal *O Globo* nos anos de 2012 e 2013. A seção “Dos Leitores” evidencia ainda o ethos coletivo³³, mobilizando a afetividade do intérprete que infere a imagem do interlocutor pelo uso que esse faz do registro de língua, da escolha vocabular e pelo ritmo que impõe ao enunciado. A escolha de cartas dos leitores como um possível instrumento didático se justifica por tratar-se de material de fácil consulta, por ser uma atividade característica de nossa cultura e por cons-

³³ Ethos coletivo, como uma visão de mundo global, se constitui por uma série de características de identidade social, tais como: valores, ética, hábitos, visões de mundo recorrentes etc.

tituírem textos em que o locutor, como fonte de seu dizer, comenta os acontecimentos do dia a dia da vida política e social que estão presentes nas pautas da imprensa. Os meios de comunicação interferem não só no que as pessoas conversam, mas também como elas conversam.

O jornal *O Globo*, em um boxê destacado, informava até 2012 que acolhe opiniões sobre todos os temas e que rejeita acusações insultuosas ou desacompanhadas de documentação. Avisava que devido às limitações de espaço realiza-se uma seleção de cartas e que, quando não forem concisas, poderão ser publicados trechos mais relevantes. Na mesma página, há um espaço separado denominado NO SITE E NO CELULAR que procura manter e incentivar uma interação com os leitores por meio da internet e da telefonia móvel. Em 2013, o título da seção se modificou para “*Dos Leitores*” em caracteres azuis e com espaço para as cartas e para novos meios tecnológicos de informação: *On-line* com subdivisão em EU-REPÓRTER e twitter.com/jornaloglobo. Hoje, o boxê modificou-se para: “Pelo e-mail, pelo site do GLOBO, por celular e por carta, este é um espaço aberto para a expressão do leitor.” Seguem algumas informações sobre como endereçar as cartas.

Logo, a seção DOS LEITORES destina-se inteiramente à comunicação com os leitores, reservando-lhes uma possibilidade de expressão de suas ideias.

2. *Gênero textual: “carta de leitor”*

A carta de leitor é um gênero textual que se organiza em torno de acontecimentos importantes para a sociedade que, geralmente, fazem parte das pautas dos jornais e, de alguma forma, despertam o interesse dos cidadãos provocando-lhes a motivação para opinarem na seção das cartas. Atualmente, a “carta de leitor” apresenta-se como um gênero bastante difundido e, até certo ponto, incentivado pelos meios de comunicação que buscam a interatividade com os leitores.

Podemos destacar alguns aspectos constitutivos do gênero “carta do leitor”, como por exemplo: estilo de comunicação “*in absentia*”; paragrafação e limites de linha padronizados pelo jornal; conjunto de ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação. O locutor, em sua condição de cidadão, transmite a interlocutores indeterminados e, presumivelmente, heterogêneos uma opinião, reflexão ou indignação sobre um fato social, julgado relevante, contando

com a adesão dos leitores às ideias expressas. Muitas vezes, o texto da carta, mais do que uma catarse, busca um diálogo com outros leitores que também enviaram suas cartas. Esses textos podem ser tomados como exemplos de excelentes subsídios para a identificação de um ideal de civilidade, que, se ainda não atingimos, já pode ser discursivamente idealizado.

A situação comunicativa do gênero “carta de leitor” implica que os parceiros não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas, sociais e de ethos. Segundo Charaudeau (2009), esses parceiros estão envolvidos num contrato de comunicação que implica um ritual sociodiscursivo em que o eu-comunicante/locutor e o tu-interpretante/leitor devem conhecer seus papéis. Isso implica um conjunto de liberdades e restrições resultantes desse tipo de enunciação do ato de linguagem, tais como: o espaço cedido pelo jornal; a possibilidade de interferência do editor no texto com cortes ou escolha de algum trecho para destaque e a relevância do assunto, entre outros fatores.

A “carta de leitor”, geralmente, constitui-se por uma exposição crítica, quase sempre emotiva, sobre fato de conhecimento público.

Essa seção do jornal, por ilustrar o espírito de uma época, lembra, de certo modo, as tiras da Mafalda e as charges que, com sua ironia cortante, comentam a realidade e, nos implícitos, nos mostram, em relação especular, muito de nossas próprias faces como cidadãos.

Atualmente, de acordo com os estudos bastante difundidos sobre gênero (BAKHTIN, 2000; MARCUSCHI, 2003, 2006, 2010; BAZERMAN, 2006), podemos entender que os gêneros mais do que formas, são modos de atuação social. São aqueles textos que se produzem em sociedade e permitem a circulação não só de ideias, mas de atuação social. Tem-se por pressuposto que não há comunicação verbal a não ser por meio de gêneros que, segundo Marcushi (2003) caracterizam-se como formas de ação social incontornáveis.

Para especificação do conceito de gênero, vale a clareza da seguinte explicitação:

São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de formação social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual, (MARCUSCHI, 2006, p. 25)

Esse é um dos pontos produtivos do estudo das cartas dos leitores como texto pedagógico: alavancar uma reflexão sobre o comportamento de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se discute o alcance do gênero como forma de atuação social. E, evidentemente, discutir os aspectos linguísticos que produzem os efeitos de sentido desejados conscientemente ou não.

3. *Reverendo o ethos*

Tomamos ethos em seu viés pragmático como construção de imagens que se dão na interação verbal como troca simbólica regida por mecanismos sociais. Assim, podemos associar ao ethos o conceito de *habitus*, (AMOSSY, 2005) como conjunto de princípios e modos de agir interiorizados que motivam nossa conduta de forma inconsciente. O ethos, como representação do locutor, implica a adesão aos valores compartilhados pelo grupo social dominante com base no conhecimento e vivência do *habitus* de determinada sociedade. O discurso da “carta de leitor” constrói a expectativa de que o público compartilhe com o locutor o conjunto (*habitus*) de valores, de crenças e de evidências socialmente valorizadas. Normalmente, os locutores das “cartas de leitor” revelam, pelos comentários e críticas que fazem, os *ethé* da moralidade, da temperança e da honestidade, implícitas na avaliação contundente do “fazer” das autoridades e dos comportamentos protagonizados por personalidades conhecidas na mídia ou que, eventualmente, se envolvam em acontecimentos destacados no noticiário do jornal e da TV.

Vejamos, por enquanto, antes das observações sobre exemplos de cartas concretas, alguns assuntos recorrentes dos títulos que o editor da seção “Dos Leitores” organiza para a publicação dos textos:

Guardas de Trânsito/Políciais (2012)

Viagens do Governador (2012)

Praça Abandonada (2012)

Ônibus/Transporte Coletivo (2012)

Mudanças na Poupança (2012)

Sem Trégua na Inflação (2013)

Sem Inversão da Ordem Democrática (2013)

Passar o Brasil a Limpo (2013)

Leite Contaminado (2013)

Como se pode observar, todos os assuntos arrolados estão intimamente relacionados à nossa vida social, aos problemas vividos na cidade e no país por todos nós. As cartas comentam, com ironia, com uma crítica amarga, tais situações, expondo de modo contundente implícita ou explicitamente o funcionamento da sociedade, isto é, como nós somos e nos comportamos – *o Brasil que se descobre* e que deve ser passado a limpo.

Com essa breve exemplificação de assuntos, confirma-se a ideia de que o discurso sempre apresenta um ethos e que é possível realizar inferências com base na imagem do enunciador construída nos enunciados.

4. “Carta do leitor” e modos de organização do discurso

Um discurso, para cumprir sua função social, se organiza em “modos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 74) que consistem no emprego de determinada categoria de língua, ordenados em função das finalidades do ato de comunicação. Os “modos de organização do discurso” compreendem o *enunciativo*, o *descritivo*, o *narrativo* e o *argumentativo*.

4.1. Modo enunciativo

O modo enunciativo dá conta da posição do locutor em relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros.

O modo enunciativo é uma categoria de discurso que constrói a maneira pela qual o sujeito falante (locutor) age na encenação do ato de comunicação. Charaudeau (2008) denomina “encenação” (*mise-en-scène*) a interação entre os participantes de um ato de comunicação.

As três funções do modo enunciativo resumem-se nos seguintes comportamentos:

- a) *alocutivo* que estabelece uma relação de influência entre locutor e interlocutor (o locutor age sobre o interlocutor, impondo-lhe uma reação);
- b) *elocutivo* que revela o ponto de vista do locutor (o locutor enuncia seu ponto de vista, modalizando subjetivamente o enunciado);

- c) *delocutivo* que retoma a fala de um terceiro (o locutor se apaga no ato de comunicação e não implica o interlocutor, sua enunciação é aparentemente objetiva).

Nessa comunicação, focalizaremos o modo enunciativo de maneira particular, já que nos interessa apontar o comportamento do sujeito falante da “carta de leitor”. Tal opção não nos impede de, quando oportuno, fazer comentários quanto às construções descritiva, narrativa e argumentativa.

Observemos trechos das cartas a seguir: *Carta 1* (Assunto: Passar o Brasil a Limpo (2013):

A CPI do Cachoeira seria uma bela oportunidade para esclarecer tudo, desde que em mãos sérias e comprometidas com a verdade, sem objetivos mesquinhos de defender uns e condenar outros, com finalidades políticas. Quem sabe acontece o milagre e esta CPI cumpra seu papel e revele quem idealizou os vazamentos, quem executou e seus objetivos e, principalmente, revele todos os envolvidos no esquema Cachoeira? Vamos passar este e outros escândalos a limpo?” (Luiz Antonio R. Mendes Ribeiro, Belo Horizonte, MG, 03/05/2012).

O trecho em destaque apresenta um comportamento alocutivo e configura a categoria modal de *juízo* e de *sugestão* (Charaudeau, 2008) em que o locutor, ao julgar o problema (CPI do Cachoeira) propõe a execução de uma ação possível para melhorar a situação. O uso do futuro do pretérito (seria) demonstra a dúvida do locutor em relação à efetivação de tal possibilidade, corroborada pelo emprego do conectivo concessivo “desde que” e pela expressão “mãos sérias e comprometidas com a verdade”. A dúvida fica implícita ainda pela continuação do uso dos tempos do subjuntivo e do vocábulo “milagre”. Na última frase: “Vamos passar este e outros escândalos a limpo?”, a pergunta de caráter injuntivo vem modalizada pelo uso da primeira pessoa do plural, incluindo o locutor na interpelação. Infere-se do pequeno trecho da carta a imagem de seu locutor como alguém descrente da seriedade da CPI, tendo implícita a opinião de que tem sido frequente a falta de objetividade e de honestidade dessas comissões, bem como a percepção de que se faz necessário “passar os escândalos a limpo”, isto é, que se exija a modificação do comportamento dos membros da Comissão e uma participação efetiva dos cidadãos na mudança desejada. O ethos do locutor, apreendido no enunciado, é de alguém honesto que conhece o problema, desconfia da solução e busca a adesão da sociedade para as transformações necessárias. Como se pode ver, o ethos se evidencia na forma como se constrói o discurso.

Na carta 2 que se segue, temos um claro exemplo de comportamento alocutivo, que une interpelação, injunção e sugestão. O locutor espera do interlocutor que reaja à interpelação, que leve em conta os fatos expostos como argumentos para uma ação determinada. O locutor nesse tipo de injunção espera com seu enunciado uma ação a realizar pelos políticos da CPI, pois, como cidadão se atribui o direito de interpelá-los. Vejamos a carta:

Com início da CPI do Cachoeira, que o PT e a base aliada acham tratar-se de uma marolinha, peço aos membros desta CPI que não se limitem ao estado de Goiás. Pensem, ao investigarem, nas crianças que passam fome, nos doentes que morrem nas filas de espera dos hospitais, nas péssimas condições de nossas estradas, nos péssimos serviços de transportes públicos, no deteriorado ensino médio, nos que trabalham quatro meses por ano para, entre outras coisas, dar-lhes nababesco sustento; pensem nas verbas desviadas das merendas escolares, nos medicamentos vencidos nos hospitais, nos equipamentos encaixotadas sem uso, nas obras públicas pagas e inacabadas, pensem no futuro de seus familiares, pensem como homens de bem, pensem como brasileiros. Os senhores formam uma casta privilegiada. Está na hora de passar o Brasil a limpo. Aproveitem a oportunidade. Que Deus os ilumine! (Ricardo Romero, Macaé, RJ, 03/05/2012).

A característica mais evidente da injunção é o uso do imperativo que, no texto em questão, estabelece no enunciado uma ação a realizar: “pensem”. E “pensem” numa série bastante ampla de males que se encontram na sociedade brasileira e criam situações de sofrimento à população. Inferem-se também alguns subentendidos que não apresentam marcas linguísticas (KOCH, 2003), tais como a dúvida sobre a atitude dos políticos componentes da CPI e a sua situação de vida privilegiada em comparação com a grande maioria de brasileiros. Ainda o fato exposto: “Os senhores formam uma casta privilegiada” relacionado à progressão do texto – “Está na hora de passar o Brasil a limpo. Aproveitem a oportunidade” mostra a manobra do interlocutor de, por meio de uma comparação implícita das posições sociais em forma assimétrica (políticos da CPI e povo sofrido) argumentar a favor de uma atitude firme e honesta da CPI em favor da decência do Congresso. A frase final de cunho emotivo demonstra um comportamento elocutivo como estratégia de convencimento: “Que Deus os ilumine!” O subentendido deixa para o interlocutor inferir o sentido a partir do enunciado. Nota-se ainda a estratégia de inclusão dos interlocutores, pelo viés afetivo, no enunciado linguisticamente marcada pelo uso do pronome possessivo “seus” e as comparações pensem “como homens de bem”, “como brasileiros”.

Podemos apontar nessa carta, em toda sequência de objetos indiretos de “pensar”, exemplo de *narrativa* que, segundo Charaudeau (2008, p. 156):

É uma totalidade, o narrativo um de seus componentes. A narrativa corresponde à finalidade do “que é contar”, e para fazê-lo, descreve ao mesmo tempo, *ações* e *qualificações*, isto é, utiliza os modos de organização do discurso que são o *Narrativo* e o *Descritivo*. É preciso, então, não confundir *narrativa* e *modo Narrativo* (ou *Descritivo*), a primeira englobando os dois outros.

A narrativa, no caso, produz o efeito de sentido de chamar a atenção dos componentes da CPI para as grandes dificuldades e injustiça social que os brasileiros enfrentam. O locutor se apresenta como testemunha e desvelador de fatos relevantes, valendo como argumentos para enfatizar a necessidade da ação esperada: o trabalho sério da CPI. Destaque-se também como presença do locutor no enunciado o emprego de adjetivos (locuções adjetivas) (Cf. NEVES, 2000):

- a) com valor de avaliação: *péssimos* serviços, *nababesco* sustento, casta *privilegiada*; homens *de bem*,
- b) de definição: *deteriorado* ensino médio, verbas *desviadas*, medicamentos *vencidos*, equipamentos *encaixotadas*, obras *públicas pagas* e *inacabadas*.

Essa intensa adjetivação vale como subsídio para o argumento que vem sendo articulado em favor de uma CPI justa, evidenciando a intenção de “fazer crer”, “convencer”. Essa estratégia textual chama-se modalização e mostra a posição do locutor em relação ao que enuncia.

Vejamos a *carta 3* (Sem Inversão da Ordem Democrática (2013):

Virar a mesa, colocar a carroça na frente dos bois ou ensinar o padre a rezar missa. Essa é a intenção clara daqueles que temem as decisões sábias do Supremo Tribunal Federal. Utilizar a sabedoria popular serve para fazê-los entender que o povo enxerga longe essa manobra rocambolesca para atender aos “pobres aviltados” que se julgam donos do poder. O STF é a última instância, o recurso máximo da justiça. Não serão mensaleiros condenados que terão este direito, que inverterão a ordem democrática que tanto custou à nação brasileira. Que estes homens e mulheres atolados na corrupção não se julguem capazes de atentar contra a democracia e as suas instituições mais sérias. (Isaac José Guimarães, Rio, 11/05/2013)

Nessa carta, podemos identificar exemplos de comportamento a carroça delocutivo e enunciativo na produção de sentido do texto. O comportamento *delocutivo* caracteriza uma enunciação aparentemente

objetiva que retoma propósitos e textos que não pertencem ao locutor (CHARAUDEAU, 2009), como no seguinte trecho:

Virar a mesa, colocar na frente dos bois ou ensinar o padre a rezar missa. Essa é a intenção clara daqueles que temem as decisões sábias do Supremo Tribunal Federal. Utilizar a sabedoria popular serve para fazê-los entender que o povo enxerga longe essa manobra rocambolesca para atender aos “pobres aviltados” que se julgam donos do poder. O STF é a última instância, o recurso máximo da justiça.

O locutor se vale de frases feitas de grande circulação popular de modo consciente como argumento para convencer aos “mensaleiros” que o povo não se deixará enganar. Desta forma, o locutor continua dizendo como o “mundo existe”, relacionando-o a seu modo e grau de *asserção*. (CHARAUDEAU, 2008, p. 83). Trata-se de uma modalidade de evidência.

Já para o comportamento *enunciativo* há um fato pressuposto e o locutor diz qual é o seu sentimento, avaliando segundo um julgamento de ordem afetiva:

Não serão mensaleiros condenados que terão este direito, que inverterão a ordem democrática que tanto custou à nação brasileira. Que estes homens e mulheres atolados na corrupção não se julguem capazes de atentar contra a democracia e as suas instituições mais sérias.

No trecho em análise, destacamos o emprego de adjetivos de avaliação e do futuro do presente do indicativo, caracterizando a atitude comunicativa de mundo comentado (WIENRICH, *apud* KOCH, 2003). Em textos com prevalência de mundo comentado, o locutor responsabiliza-se e compromete-se com aquilo que enuncia com uma adesão máxima ao seu enunciado, caracterizando explicitamente uma opinião, uma crítica. Isso cria uma tensão entre os interlocutores, fazendo com que o leitor seja envolvido nos argumentos do texto para acompanhar o desenvolvimento das ideias.

O emprego do imperativo negativo, mais do que uma ordem, configura uma exortação ao interlocutor (no caso os “homens e mulheres atolados na corrupção”) que cumpram a ação indicada pelo verbo: *não se julguem* capazes de...”

Pelos limites de uma comunicação, apresentamos apenas uma exemplificação de análise de cartas que compõem a pesquisa “A construção do *ethos* como espelho da cidadania: a análise da subjetividade em “cartas de leitor” que realizo no GLC, UFF.

5. Considerações finais

O letramento, como se sabe, constitui um trabalho continuado ao longo da vida, pois todo ato de leitura põe, face a face, quase sempre em confronto, conhecimentos de mundo e experiências discursivas diferentes e/ou compartilhadas. A construção de sentido do texto resulta de uma interação e cooperação necessárias entre enunciador e coenunciador³⁴.

Segundo Marcuschi (2008, p. 229-230),

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

O trabalho com o texto, como atividade pedagógica, requer do professor uma experiência como leitor/produtor capaz de permitir uma orientação segura a seus alunos, para que se tornem leitores mais atentos frente à construção textual. Um trabalho de leitura que valorize o modo de organização textual (em seus variados aspectos) e a expressão do ethos poderá expandir, de modo expressivo, as habilidades de compreensão e de interpretação de texto. O gênero textual “carta de leitor” exemplifica um material eficiente e adequado à análise da orientação discursiva do texto. Desse modo, o desenvolvimento da compreensão e da interpretação fica baseado no estudo de textos reais e a gramática pode ser percebida em seus recursos expressivos que situam textos em seus contextos, ressaltando a relação necessária entre a linguagem e o mundo.

Afinal, os textos que circulam em nossa cultura acabam por produzir e referendar efeitos de sentido, construindo simbolicamente o real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

³⁴ O termo coenunciador intensifica a participação do leitor na construção de sentido do texto.

_____. *Linguagem e discurso. Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO & MACHADO (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: BRITO, K. S.; GAYDECZKA, B.; KARWOSKI, A. M. *Gêneros textuais. Reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.